

# SUMÁRIO

PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO – ALBERTO DINES 9

APRESENTAÇÃO À QUARTA EDIÇÃO 11

INTRODUÇÃO 15

## **1 • OS HABITANTES DAS REDAÇÕES 18**

O jornal como empresa 20

A redação 23

A chegada 31

O jornalista 35

A notícia 37

O tempo 40

## **2 • A ROTINA DO REPÓRTER 42**

Um dia no jornal 51

A notícia na TV 59

Cobertura de rádio 67

## **3 • OS ETERNOS JORNALISTAS 74**

Sérgio Augusto 77

Janio de Freitas 83

Zuenir Ventura 88

Luís Paulo Horta 93

Newton Carlos 99

Cícero Sandroni 103

Moacyr Werneck de Castro 107

Os veteranos 110

#### **4 • OS JOVENS JORNALISTAS 112**

Profissão: jornalista 116

A família 128

Ética profissional 131

O poder 136

Duas gerações 140

#### **5 • A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JORNALISTA 142**

BIBLIOGRAFIA 159

# PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO

MUDAM AS FERRAMENTAS, O OFÍCIO É O MESMO. Da pena ao computador, da enorme Speed-Graphic à minúscula câmera digital, do telegrama ao telex e deste ao *twitter*, dos incunábulo ao *Google*, da imprensa como patrimônio público ao jornalismo de resultados, a profissão é essencialmente a mesma. Mesmo que formalmente extinta, em 2009, por um voto leviano no Supremo Tribunal Federal.

Chamados no senado romano de *diurnalii*, quando a censura clerical foi derrubada e os primeiros periódicos começaram a circular na colônia portuguesa de além-mar os buscadores de fatos e farejadores de mudanças foram denominados *redactores das folhas públicas*. Poucas décadas depois, quando a jornada de trabalho tornou-se diária, passaram a ser conhecidos pelos franceses como *journalistes*, e sua profissão, como *journalisme*.

*O mundo dos jornalistas*, de Isabel Travancas, oferece um olhar sobre um recanto muito especial da sociedade moderna, onde a realidade transforma-se em notícia e o relato do acontecido em nova realidade. Visão simultaneamente panorâmica e circunstanciada leva o leitor aos bastidores do grande espetáculo no qual ele é, sem o saber, ator, espectador e, às vezes, crítico.

Jornalismo antropológico ou antropologia do jornalismo – as etiquetas hoje são mera formalidade –, o que importa são os resultados desta pesquisa, realizada com habilidade, simplicidade

*Isabel Travancas*

e grande sensibilidade, sobre o controvertido universo mediático que tantas polêmicas e embates vem provocando.

Uma reedição com sabor de primícias, um observatório que vale a pena compartilhar.

*Alberto Dines*

São Paulo, outubro de 2010.

# APRESENTAÇÃO À QUARTA EDIÇÃO

HÁ MAIS DE QUINZE ANOS eu lançava a primeira edição deste meu primeiro livro. Estávamos em 1993. Muita coisa mudou de lá para cá. Mudou a imprensa, mudaram os jornalistas e eu também, que me tornei professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fico feliz que a Summus tenha decidido reeditar esta minha primeira pesquisa antropológica, revista, com nova capa e prefácio de Alberto Dines.

Ao longo desses anos todos, tive muito contato com estudantes, jornalistas e professores por causa do livro. Ele ganhou vida própria e tem me proporcionado importantes encontros e discussões. E, embora eu olhe para ele já tão longe de mim, não o renego. Acredito que seu conteúdo ainda faz sentido para muitos estudantes que querem saber como funciona um jornal e também a cabeça de um jornalista.

Ainda que este seja um trabalho restrito aos profissionais brasileiros, mais particularmente a jornalistas da imprensa carioca e a alguns paulistas também, ao participar de congressos no Brasil e no exterior, discutindo este tema, percebi que para vários jornalistas franceses, portugueses, argentinos ou norte-americanos, muito do que constatei em minha pesquisa também faz sentido. Não pretendo de forma alguma generalizar minhas conclusões para todo o planeta. Como antropóloga, conheço e valorizo as diferenças culturais entre grupos, nações, etnias, gerações e clas-

ses sociais. Entretanto, não posso deixar de apontar o quanto isso me surpreendeu. De alguma forma, retomo aqui a perspectiva de Gilberto Velho, orientador da dissertação que deu origem a este livro, quando ele afirma que a unidade que se estabelece entre indivíduos se constrói graças a experiências e vivências idênticas. Um jornalista inglês chegou a comentar que parecia que eu tinha conversado com profissionais do *Times*, fato que, infelizmente, nunca ocorreu.

Pierre Bourdieu (1997) afirma de modo bastante crítico que “os jornalistas têm óculos especiais com os quais veem o mundo”. Não estou segura de que tenham óculos, mas com certeza sua visão de mundo e sua compreensão da sociedade em que se inserem estão diretamente ligadas à sua vivência profissional. É esse *ser jornalista* não como essência, mas como forma de estar no mundo, que os define e distingue. Em Paris, Buenos Aires, Londres ou Rio de Janeiro.

Para esta edição, procurei atualizar o mais que pude o primeiro capítulo com dados e informações mais atuais a respeito dos jornalistas, da redação e das rotinas do século XXI, já com a presença inexorável dos computadores e da Internet em nossa vida. Retirei desse capítulo as “Notas sobre a história da imprensa”, porque penso que perderam um pouco a razão de ser.

No segundo capítulo, incluí notas de atualização da vida profissional dos sete entrevistados. Os outros três capítulos permanecem idênticos aos da primeira edição, e tratam-se, portanto, de uma pesquisa etnográfica realizada com jornalistas no início da década de 1990. Ou seja, suas funções, cargos e vidas também mudaram. Muitos já não estão mais em redação ou no veí-

culo em que estavam quando me concederam as entrevistas, e certamente podem ter revisto seus pontos de vista e não pensar mais como antes, afinal a vida é movimento. No entanto, acho que este trabalho também pode ser lido como uma espécie de fotografia de um grupo profissional particular em um momento específico do século XX. E como tal, e pela riqueza dos personagens investigados, ainda pode proporcionar uma reflexão interessante sobre o jornalismo.

Gostaria de agradecer aos que colaboraram com esta nova edição, lendo, dando sugestões, fazendo críticas, sempre procurando tornar o livro melhor. A eles – Marcos Pedrosa, Miguel Conde, Maria Cecília Brandi, Manya Millen, Maria Ester Rabello –, muito obrigada.

E se, como afirmo ao final, este trabalho foi para mim uma espécie de *rito de passagem*, quando deixei de ser jornalista e me tornei antropóloga, reitero aqui minha paixão pelo jornalismo como objeto de estudo e tema acadêmico.





# INTRODUÇÃO

MEU OBJETIVO AO REALIZAR ESTA PESQUISA foi tentar pensar em como se constitui a identidade do jornalista e em que ela está ancorada. Para isso, selecionei cerca de cinquenta pessoas, com as quais conversei, realizei entrevistas e muitas das quais acompanhei em suas jornadas de trabalho e festas. Trabalhei basicamente com profissionais residentes no Rio de Janeiro e com aqueles empregados em diferentes tipos de veículo de comunicação, para com isso obter uma amostra mais representativa da categoria estudada. Ao longo do trabalho, apresento as distinções que percebi entre os entrevistados. Destaco o fato de ser eu também uma jornalista, porque considero que esse dado pode contribuir para a análise desse segmento profissional.

Sem dúvida, há muitas diferenças entre o grupo, mas acredito que elas não sejam definidoras de posturas ou modos de vida marcadamente distintos. Ao longo da investigação, dividi meu grupo de informantes em duas gerações, porque creio que existem diferenças importantes entre os jovens profissionais ainda com poucos anos de experiência e aqueles que já são jornalistas há mais de trinta anos e continuam exercendo seu ofício até hoje. Algumas mudanças de veículos e de função ocorreram desde a época das entrevistas, o que, porém, não altera o conteúdo dos depoimentos.

Ficou claro também o quanto a profissão é um elemento importante na vida deles, definindo suas trajetórias e delineando uma *identidade* particular para esses indivíduos. A meu ver, os jornalistas estabelecem uma relação bastante específica com sua ocupação, o que não ocorre com outros profissionais. Talvez um

pouco como os médicos, como vários deles ressaltaram, o jornalismo como profissão exige de seus “eleitos” uma *adesão* (*commitment*) – termo utilizado pelo sociólogo norte-americano Howard Becker – de tal ordem que impede muitas vezes que outras atividades ou setores da vida tenham maiores dimensões. Para muitos, esse laço de envolvimento com a profissão será definido como uma paixão pelo trabalho e será condição *sine qua non* para sua efetiva realização. Em outras palavras, fica difícil perceber-se como jornalista sem o estabelecimento desse vínculo.

Neste trabalho, discuto em que medida essa relação com a profissão é fundamental para o grupo, de que forma ela se dá e como esses indivíduos se veem na sociedade. Durante toda a pesquisa, lidei com pessoas que fazem parte do universo de camadas médias urbanas e, como tal, apresentam muitas semelhanças. Também abordo nestas páginas a imagem que a sociedade tem do jornalista, que oscila entre o herói e o bandido. Ou ele é visto como alguém com prestígio e poder, ou é tido como um marginal ou mesmo um elemento perigoso. Essa dicotomia presente nos depoimentos será um importante dado de análise.

No primeiro capítulo, apresento o profissional jornalista e seu local de trabalho: a empresa jornalística. Caracterizo a instituição, localizo-a dentro do espaço urbano e explico seu funcionamento, até entrar na redação propriamente dita. Subordinada a regras próprias, a redação é a área de atuação do jornalista. Seus funcionários estão divididos hierarquicamente, cada qual com uma função preestabelecida. Utilizando a ideia de separação entre *casa* e *rua*, faço uma descrição sucinta do dia a dia de um repórter de jornal. Escolhi a função de repórter por considerá-la paradigmática da carreira jornalística.

Depois, discuto a categoria jornalista em si: como alguém se

torna jornalista, quantos atuam hoje no Rio e quais suas particularidades. Uma delas é ser um produtor de notícias, um “farejador”. Continuo na trilha do jornalista, tentando me aproximar mais dele, tratando das diferenças da matéria-prima desse profissional – a notícia. Ela vai abarcar distinções, mas todas, de alguma forma, estarão atreladas à noção de tempo. E sem dúvida, o tempo é uma categoria não só presente, mas fundamental nessa ocupação. Ele será a mola propulsora do trabalho e também determinará uma relação particular, na medida em que os jornalistas não são donos de seu próprio tempo.

A vida diária do repórter é o tema do segundo capítulo. Em “A rotina do repórter”, me aproximo mais do jornalista e, entre outros recursos, acompanho alguns repórteres, descrevendo seu dia a dia. Com isso pretendo apreender o funcionamento da vida desse grupo, perceber suas rotinas e as semelhanças na vida de cada um. Lidarei sempre com vários planos diferentes, como o depoimento dos entrevistados, minha observação direta e a bibliografia. O capítulo 2 consiste na etnografia propriamente dita. E, ao acompanhar um repórter de TV, um de jornal e um de rádio, estabeleço as diferenças existentes entre os meios e o estilo de vida decorrente dessa opção profissional.

No terceiro capítulo, “Os eternos jornalistas”, dedico-me ao grupo de jornalistas mais velhos do segmento estudado. São profissionais com mais de vinte anos de carreira, que em seus depoimentos contam um pouco de sua história de vida, do porquê da escolha dessa profissão e suas consequências. São jornalistas bem-sucedidos, que falam sobre a importância dessa ocupação em suas vidas, hoje inseparáveis dessa atividade. Atividade que gerou um *estilo de vida* e uma *visão de mundo* muito próprios, conceitos estudados pelo antropólogo Gilberto Velho.

Depois de analisar jornalistas mais experientes, passo a estudar os que ainda têm pouca vivência na profissão. Eles, “Os jovens jornalistas”, são o tema do quarto capítulo, no qual faço não só uma análise de seus depoimentos como tento relacioná-los com os dos veteranos na profissão. Esses dois grupos apresentam distinções causadas principalmente pelos diferentes momentos em que se encontram em suas trajetórias de vida, e não diferenças intrínsecas às faixas etárias. Os dois grupos dão enorme ênfase à carreira, destacam a dimensão que ela ocupa em suas vidas e são categóricos ao afirmar que sua identidade social se define pelo *ser jornalista*. Fica claro que esse papel – o de jornalista – ocupa um lugar privilegiado em suas vidas.

No último capítulo, organizo de maneira mais sistemática os dados que obtive ao longo da pesquisa e vinculo-os às disciplinas teóricas das ciências sociais, em especial à antropologia, na sociedade moderna, e ao conceito de individualismo. Apresento uma discussão entre o público e o privado, e utilizo a figura do homem público que, em certa medida, é retomada pelo jornalista. A partir desses elementos, construo a *identidade social do jornalista*, profissional da sociedade moderna muitas vezes ambíguo.

Ao longo da pesquisa, o conceito de “mundo” é usado no sentido sociológico de Howard Becker, ou seja, aquele que constitui uma rede de relações e define a organização social dos jornalistas.

Com este trabalho pretendo lançar uma luz sobre a discussão de carreira e identidade em uma perspectiva antropológica das sociedades urbanas modernas, e, ao me deter mais profundamente na categoria *jornalista*, acredito que a investigação possa contribuir para o estudo de outras carreiras que certamente terão pontos comuns com a profissão aqui estudada.

1

# OS HABITANTES DAS REDAÇÕES



SEMPRE QUE ALGUÉM PENSAVA EM JORNALISTA, logo vinha a ideia de um jovem correndo atrás da notícia que anseia se tornar um furo de reportagem. Hoje, ser jornalista significa trabalhar em jornal, rádio, televisão, revistas, sites e assessorias de imprensa. Ainda que haja muitas outras imagens do jornalista para a sociedade neste começo de século XXI, o tempo e a notícia continuam sendo elementos essenciais desse ofício moderno que atrai tanta gente no mundo e no Brasil.

## O jornal como empresa

UM GRANDE JORNAL QUE PRODUZ MILHARES de exemplares é uma grande empresa, com estrutura organizacional bem planejada e administrada, e com muitos funcionários em diferentes áreas de atuação, além da redação propriamente dita. Neste trabalho, tratarei de modo genérico de uma empresa jornalística que produza um jornal diário.

O espaço em que o jornal se situa no bairro é muito mais amplo do que o ocupado por seu prédio. Ao redor do edifício, em geral grande mas não necessariamente de vários andares, há muitas pessoas ligadas à empresa, carros da redação, *office boys* que transitam e alguns bares ou botequins sempre movimentados. O jornal ocupa lugar de destaque na região, localizando-se na maioria das vezes no centro da cidade. Em alguns casos, uma rua não é logo identificada por seu nome, mas sim pelo do jornal nela situado. Os moradores e frequentadores da região já o conhecem bem. A escolha do centro da cidade faz sentido primeiro no que se refere à situação legal e burocrática, porque empresa de grande porte não pode funcionar em bairros estritamente residenciais, sobretudo empresas jornalísticas, que muito se assemelham a uma usina em constante produção e movimento. Em segundo lugar, para a cobertura dos fatos, a localização central facilita o deslocamento dos repórteres e a chegada ao local do evento em poucos minutos.

Na época da realização desta pesquisa, e ainda hoje, os jornais continuam sendo áreas de segurança máxima: não se pode entrar em qualquer departamento da empresa sem o crachá de visitante e um contato anteriormente feito com o funcionário pelo qual será recebido. Os diversos departamentos do jornal es-